

ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO:
2º TRIMESTRE
2024

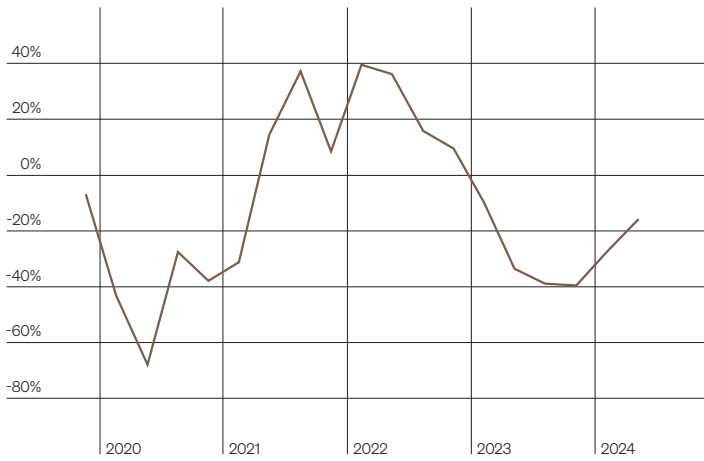
No segundo trimestre de 2024, num contexto desafiante, marcado pela contração da procura em muitos dos seus principais mercados, a situação conjuntural da Indústria Portuguesa de Calçado melhorou consideravelmente face aos trimestres mais recentes, mas não se pôde consolidar em terreno positivo.

Os saldos de respostas extremas relativos à produção e às encomendas foram os melhores do último ano, mas as opiniões de sentido negativo continuaram a superar as positivas.

A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continuou a liderar as preocupações empresariais, mas a percentagem de empresas que lhe fez referência diminuiu. A maioria das empresas considerou que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. A estabilidade foi a tendência dominante no que respeita aos preços e ao emprego.

Globalmente, para a maioria das empresas, o estado dos negócios foi suficiente.

As empresas preveem que o terceiro trimestre seja semelhante ao segundo, mas melhor do que o trimestre homólogo do ano anterior. As expectativas formuladas estão positivamente relacionadas com a dimensão das empresas: as empresas com, pelo menos, 100 trabalhadores estão claramente mais otimistas do que as de menor dimensão.



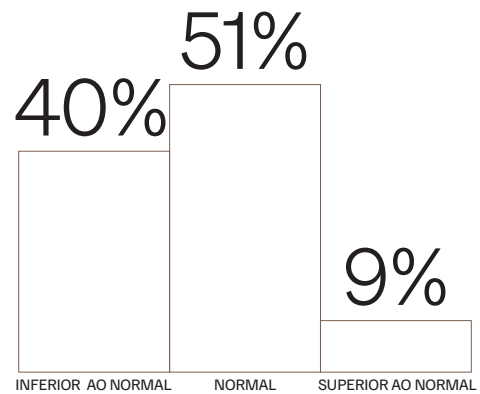
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

O saldo de respostas extremas (s.r.e.) acerca da evolução da produção dos fabricantes de calçado melhorou pelo segundo trimestre consecutivo, atingindo o nível mais alto dos últimos cinco trimestres. A resposta mais frequente (41% das empresas) indica que a produção se manteve estável, mas as empresas que relataram uma queda na produção ainda superam as que reportaram um aumento em 15 pontos percentuais (p.p.). Neste contexto, o trimestre foi mais favorável para as empresas com maior foco no mercado nacional.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

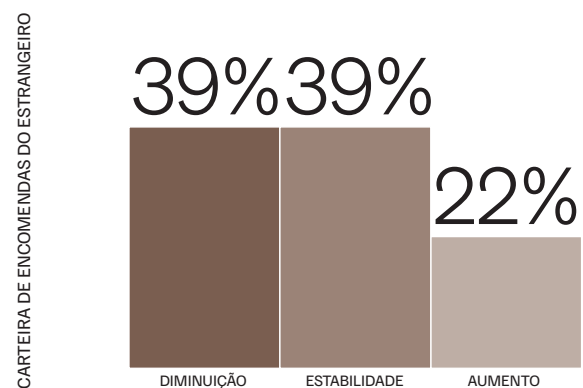
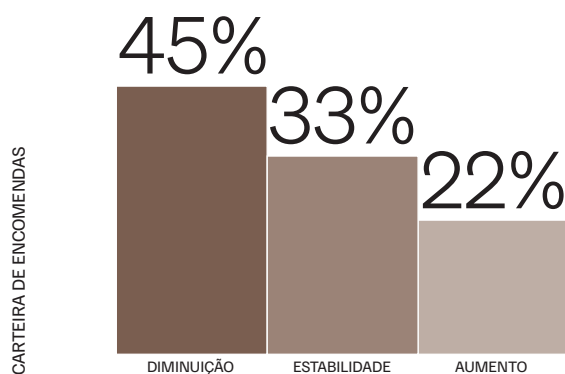
A maioria das empresas (51%) considera que a utilização da sua capacidade produtiva no segundo trimestre foi normal para a época do ano. Esta opinião é unânime entre as que empregam mais de 250 pessoas e é partilhada por mais de 80% das empresas maioritariamente orientadas para o mercado nacional. Embora as empresas cuja utilização da capacidade foi inferior ao normal tenham excedido em 31 pontos percentuais aquelas para quem foi superior, este saldo foi o menos desfavorável do último ano.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

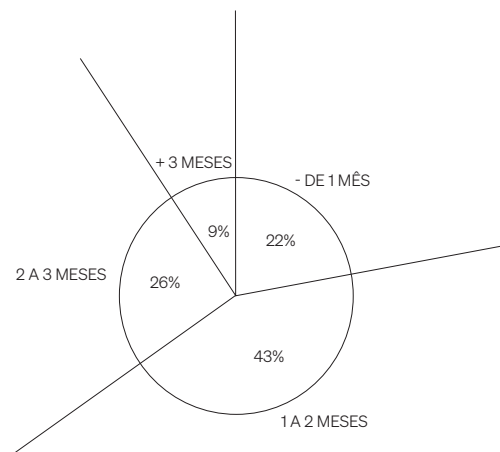
A situação relativa à carteira de encomendas é análoga, com uma evolução muito favorável face ao trimestre anterior, mas não ainda suficiente para atingir terreno positivo. O saldo de respostas extremas de -23 pontos percentuais foi, aliás, o melhor dos últimos cinco trimestres. As respostas dos inquiridos mostram, no entanto, uma grande diversidade de situações ao nível individual, sendo o s.r.e. mais favorável entre as empresas de maior dimensão e entre as que exportam entre 50% e 75% do seu volume de negócios.

No que respeita às encomendas do estrangeiro, o saldo de respostas extremas é melhor, graças a um menor número de indicações de diminuição da carteira, por contrapartida de um maior número de indicações de estabilidade (-17 p.p.). Novamente, as respostas são mais favoráveis entre as empresas de maior dimensão que apresentam um s.r.e. nulo.



HORIZONTE

A maioria das empresas inquiridas considera que a sua carteira de encomendas no final do segundo trimestre lhes assegurava a atividade durante 1 a 2 meses (43%) ou 2 a 3 meses (26%). Há mesmo 9% de inquiridos que afirmam ter a produção garantida para mais de 3 meses. Tal como vem acontecendo ao longo dos últimos dois anos, cerca de um quinto das empresas não tem encomendas que cheguem para mais de 1 mês de atividade, situação que aflige sobretudo empresas de pequena dimensão.



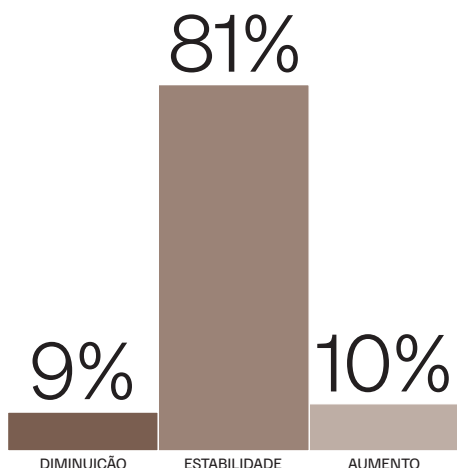
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

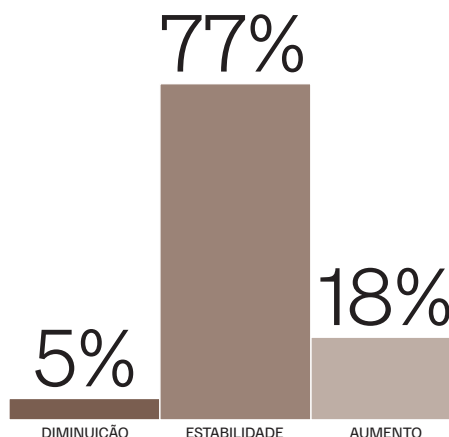
No mercado português, a tendência de estabilidade dos preços acentuou-se face ao trimestre anterior: quatro em cada cinco empresas afirmam que, no segundo trimestre, os preços não se alteraram; as restantes distribuem-se quase por igual entre as opções de aumento e diminuição dos preços. Já no que respeita aos mercados internacionais, apesar de

a estabilidade ser também a resposta largamente predominante (77%), o saldo de respostas extremas é claramente positivo (13%) e o mais elevado do último ano, sugerindo alguma tendência de subida. Esta tendência parece ser mais forte entre as empresas de maior dimensão.

PREÇOS EM PORTUGAL

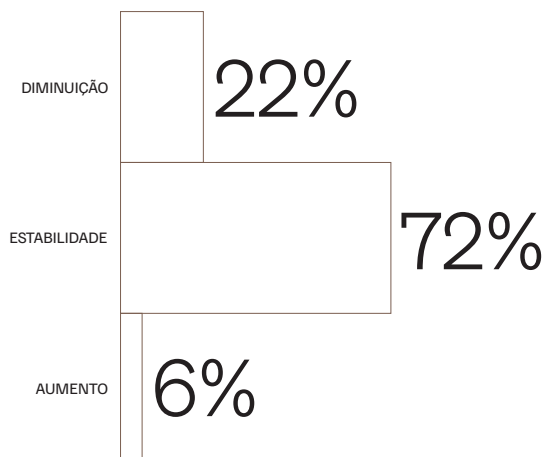


PREÇOS NO ESTRANGEIRO



PESSOAS AO SERVIÇO

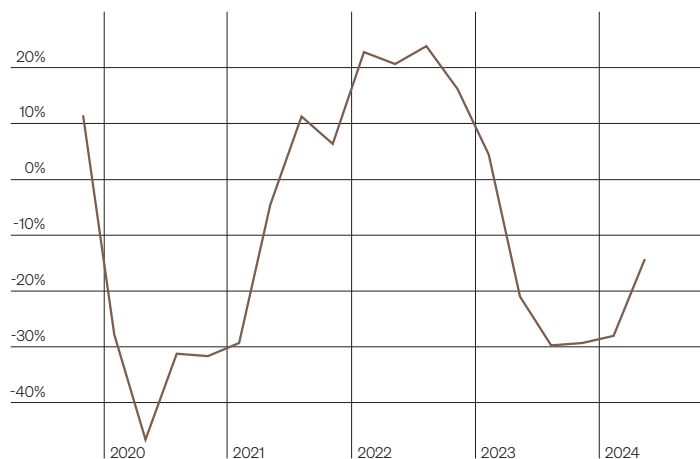
A estabilidade é, igualmente, a resposta largamente predominante (72%) no que respeita ao número de pessoas ao serviço das empresas, sendo mais frequente entre as mais orientadas para o mercado nacional. As respostas que apontam uma diminuição do emprego superam as de aumento, gerando um s.r.e. de -16 p.p. que, apesar de negativo, representa uma melhoria de 6 p.p. face ao trimestre anterior. Como noutras matérias, os resultados são melhores entre as empresas mais orientadas para o mercado nacional.



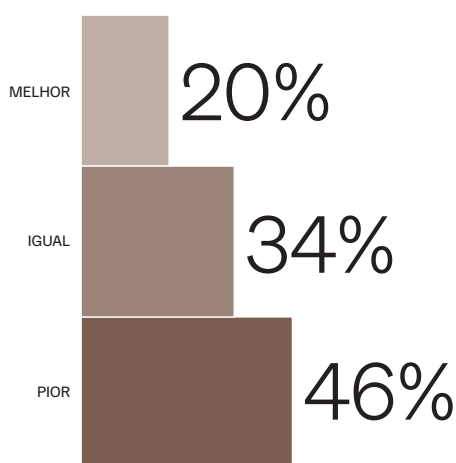
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

Tal como as anteriores, as respostas relativas à avaliação global do estado dos negócios sugerem que, no segundo trimestre, a conjuntura da indústria de calçado melhorou, embora não tenha ainda atingido terreno positivo. A percentagem de empresas que consideram o estado dos negócios suficiente aumentou de 47% para 56% e o saldo de respostas extremas recuperou 14 pontos percentuais, de -27 p.p. para -14 p.p.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

Também a comparação com o período homólogo do ano anterior melhorou, com a percentagem de empresas que entendem que a situação está pior a baixar de 56% para 46% e a das que consideram que está melhor a subir de 14% para 20%. Consequentemente, embora se mantenha negativo, o s.r.e. melhorou 16 pontos percentuais.

A avaliação do estado dos negócios e da sua evolução face ao período homólogo é crescente com a dimensão das empresas. No que respeita ao estado dos negócios no trimestre, o saldo de respostas extremas é positivo para as empresas de grande (mais de 100 trabalhadores) e muito grande (mais de 250) dimensão. Já a orientação de mercado não apresenta relação clara com a avaliação do estado dos negócios, apesar das respostas mais favoráveis das empresas mais orientadas para o mercado nacional em várias das perguntas anteriores.

PEQUENAS EMPRESAS	46%		46%	8%
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
MÉDIAS EMPRESAS	17%	73%		10%
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
GRANDES EMPRESAS	24%	41%	35%	
	MAU	SUFICIENTE	BOM	
MUITO GRANDES EMPRESAS	75%			25%
	SUFICIENTE	BOM		

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

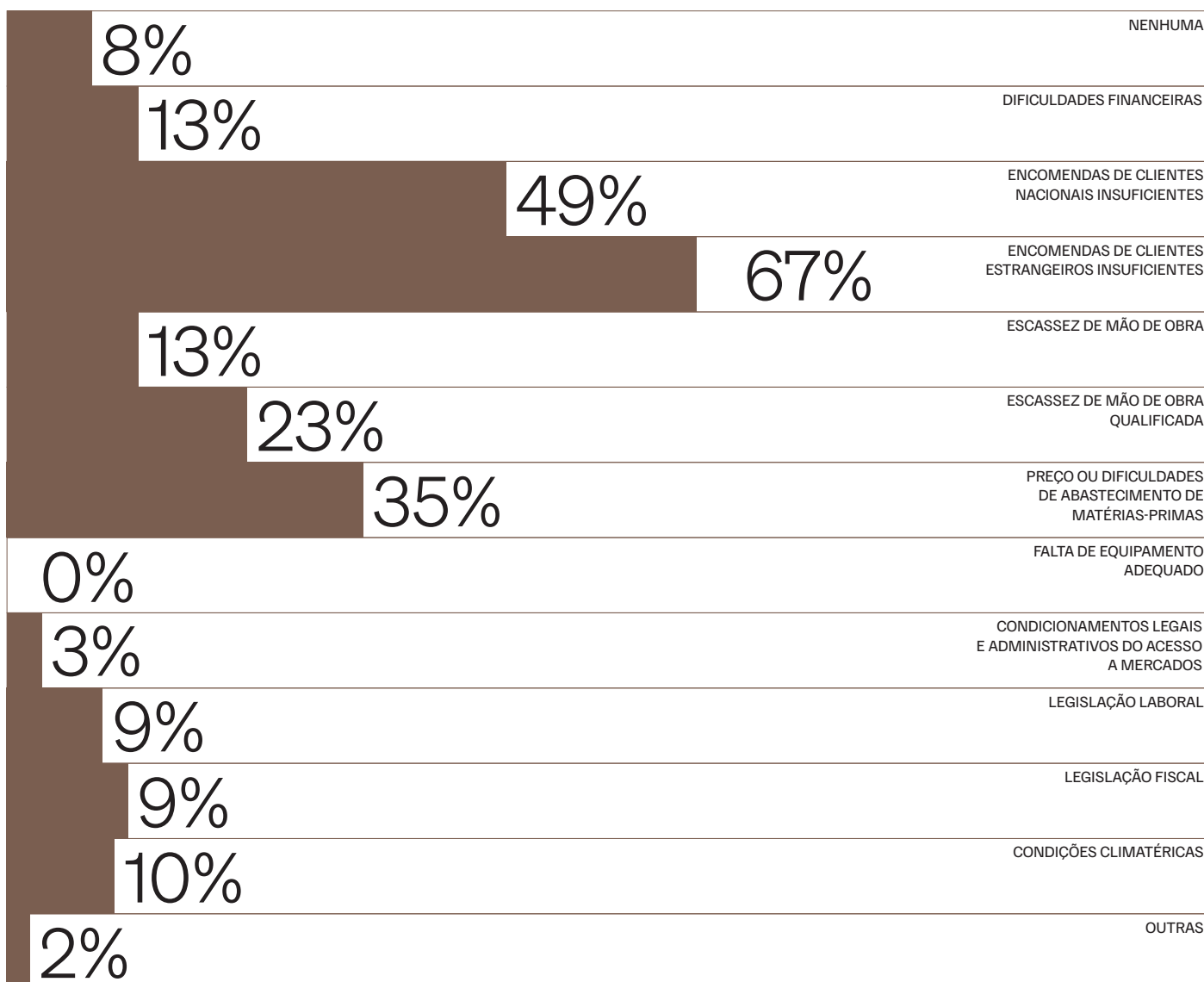
As respostas das empresas quanto às principais limitações à sua produção e vendas refletem igualmente alguma melhoria da conjuntura setorial. Desde logo, a percentagem de empresas que declararam não enfrentar qualquer dificuldade aumentou para 8%, o nível mais elevado do último ano, e a percentagem das que declararam enfrentar dificuldades financeiras diminuiu um ponto percentual para 13%. As referências a dificuldades financeiras são mais frequentes entre as empresas de menor dimensão.

Como é habitual, esta lista de dificuldades é liderada pela insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, com 67% de referências, uma redução de 5 p.p. face ao trimestre anterior. Pelo contrário, as referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais aumentaram ligeiramente, tendo atingido 49%, mantendo-se como a segunda dificuldade mais mencionada. As empresas de menor dimensão são mais

afetadas por estas dificuldades do que as restantes.

Na terceira posição permanece o preço e dificuldades de abastecimento de matérias-primas, com 35% de referências, sensivelmente a mesma percentagem que tem registado ao longo do último ano. Também a escassez de mão-de-obra não tem registado variações significativas: 13% das empresas afirmam enfrentar esta dificuldade e 23% referem-se à escassez de mão-de-obra qualificada. As referências à escassez de mão-de-obra qualificada são mais frequentes entre as empresas com mais forte orientação para os mercados internacionais.

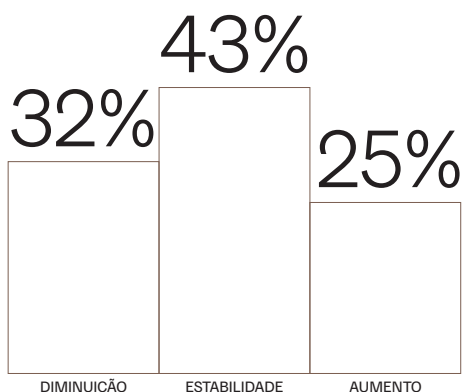
Das restantes dificuldades, apenas as condições climáticas atingem 10% de referências. A legislação fiscal (9%) não atinge, neste trimestre, esse limiar, na sequência da sucessiva diminuição do número de referências que lhe são feitas ao longo do último ano e meio.



DIFICULDADES NO TRIMESTRE

TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

A resposta mais frequente (43%) relativamente à evolução da produção prevista para o terceiro trimestre é a estabilidade. Entre as restantes empresas, as que receiam uma diminuição da produção são mais do que as que acreditam num aumento (s.r.e. -7 p.p.) mas isto deve-se exclusivamente às empresas com menos de 50 trabalhadores (s.r.e. -22 p.p.). Nos restantes escalões de dimensão, o saldo de respostas extremas é nulo ou positivo, sugerindo que a evolução da produção da indústria será favorável.



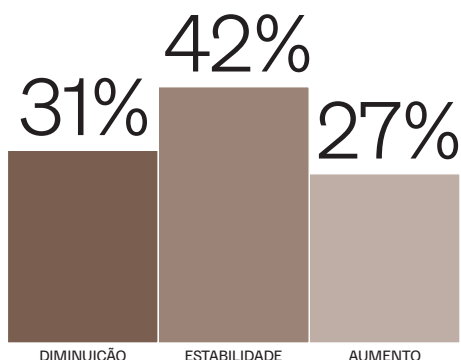
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

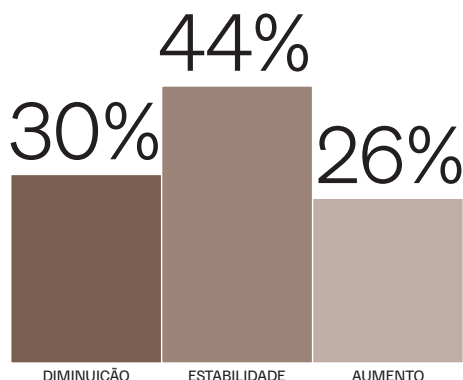
As perspetivas para a carteira global de encomendas são muito semelhantes, com 42% dos inquiridos a prever a sua estabilidade e um saldo de respostas extremas de -4 p.p., devido exclusivamente às pequenas empresas. Quanto à carteira de encomendas do estrangeiro,

as previsões de estabilização são 44% e o s.r.e. é igualmente de -4 p.p. Estes resultados, apesar de ligeiramente negativos, são os segundos mais favoráveis dos últimos dois anos.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



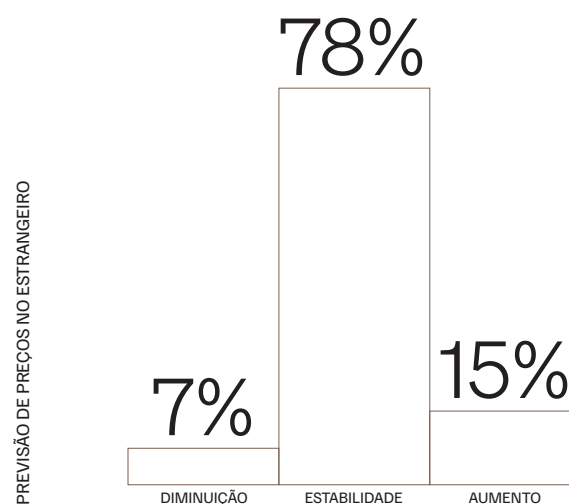
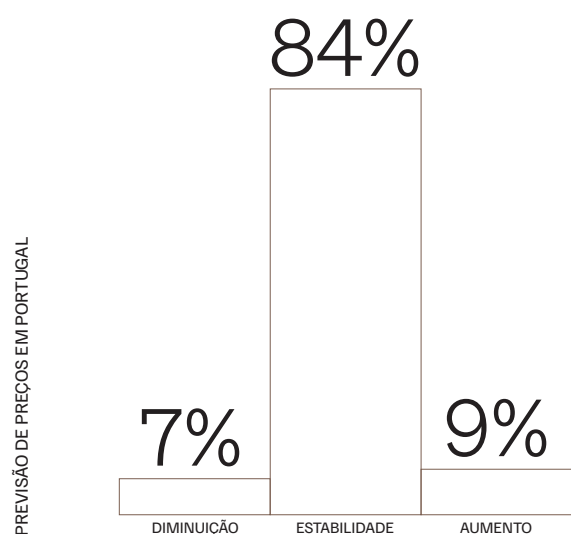
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

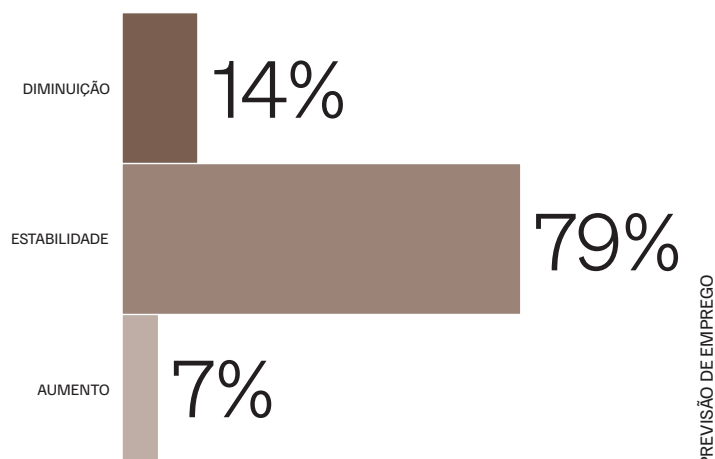
No terceiro trimestre, as empresas inquiridas acreditam que os preços vão estabilizar, tanto em Portugal como nos mercados internacionais: a percentagem de empresas que acredita na estabilização é de 84% no primeiro caso e 78% no segundo. Em ambos os casos, o saldo de

respostas extremas é positivo, embora de forma mais acentuada para os mercados internacionais (+8 p.p.) do que para Portugal (+2 p.p.). Não existem, nesta matéria, grandes especificidades em função da dimensão ou orientação exportadora dos inquiridos.



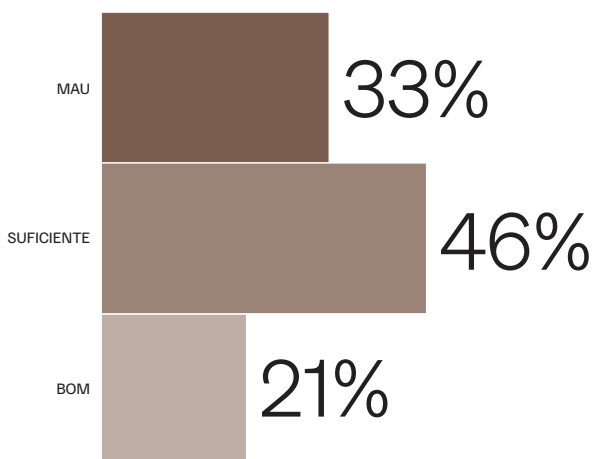
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Quatro em cada cinco empresas (79%) acreditam que, no terceiro trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não se vai alterar. Apesar dos sinais de melhoria da conjuntura, as empresas que preveem a redução do emprego excedem em 7 pontos percentuais as que esperam o seu aumento. Embora este saldo permaneça negativo, é o mais favorável dos últimos 5 trimestres e corresponde a uma melhoria de 6 p.p. face ao trimestre anterior. Além disso, entre as empresas com, pelo menos, 100 trabalhadores, o s.r.e. é positivo.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

As previsões para o estado dos negócios são muito semelhantes às formuladas no trimestre anterior: quase metade das empresas (46%) acreditam que o estado dos negócios no terceiro trimestre será suficiente, mas as que receiam que seja mau superam em 12 p.p. as que acreditam que será bom. Os sinais de recuperação da conjuntura são mais evidentes no que respeita à comparação do estado dos negócios com o período homólogo do ano anterior: embora seja também de -12 p.p., o saldo de respostas extremas apresenta, neste caso, uma melhoria de 15 pontos percentuais face às previsões formuladas no trimestre anterior e é o menos desfavorável do último ano e meio.



PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS

Tal como acontece noutras matérias, as previsões quanto ao estado dos negócios, seja no terceiro trimestre seja por comparação com o período homólogo do ano anterior, estão positivamente relacionadas com a dimensão das empresas: embora o s.r.e. global seja negativo, para as empresas com 100 ou mais trabalhadores é claramente positivo. A orientação de mercado não apresenta nenhuma relação facilmente interpretável com as previsões para o estado dos negócios, embora se possa notar que as empresas que exportam entre 75% e 95% do seu volume de negócios apresentam s.r.e. positivo, ao contrário do que acontece em todos os outros escalões.

PEQUENAS EMPRESAS	40%		46%		14%
	MAU		SUFICIENTE		BOM
MÉDIAS EMPRESAS	30%		53%		17%
	MAU		SUFICIENTE		BOM
GRANDES EMPRESAS	30%		35%		35%
	MAU		SUFICIENTE		BOM
MUITO GRANDES EMPRESAS	50%			50%	
	SUFICIENTE			BOM	

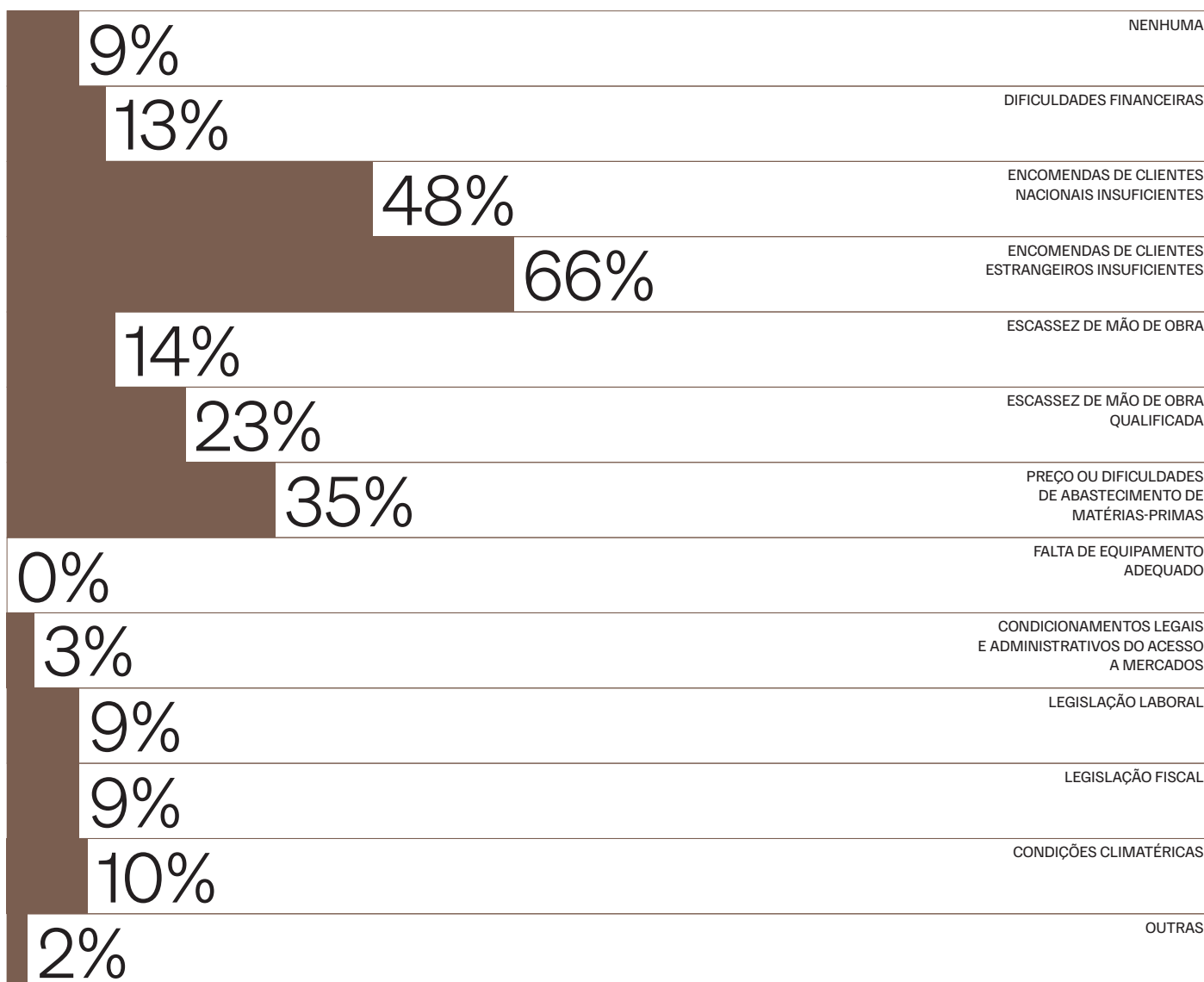
LIMITAÇÕES PREVISTAS

As dificuldades que as empresas preveem enfrentar no terceiro trimestre são muito semelhantes às que afirmam ter sentido no segundo.

A insuficiência de encomendas continuará a ser, por larga margem, o principal problema do setor. A percentagem de empresas que afirmam prever este tipo de dificuldade é um ponto percentual inferior à das que disseram tê-las sentido no segundo trimestre, quer no que respeita aos clientes estrangeiros (66%), quer aos nacionais (48%). Enquanto no primeiro caso este valor representa uma diminuição face às previsões formuladas nos trimestres mais recentes, no segundo corresponde a um ligeiro aumento. As empresas de menor dimensão referem-se com maior frequência a este tipo de dificuldade.

Em sentido contrário, a percentagem de empresas que receiam debater-se com escassez de mão-de-obra (14%) excede em 1 ponto percentual a das que a sentiram no trimestre agora terminado. Não há, no entanto, variação na percentagem de empresas que receiam escassez de mão-de-obra qualificada, nem os restantes fatores sobre que as empresas são inquiridas.

A percentagem de empresas que acreditam que não enfrentarão nenhuma dificuldade (9%), excede em um ponto percentual a das que não a sentiram no segundo trimestre.



NOTAS DE CONJUNTURA

Os índices de produção industrial do Eurostat corroboram a tendência de melhoria da conjuntura da indústria de calçado que este Boletim apresenta para Portugal. De acordo com aquela instituição, no segundo trimestre, no conjunto dos 27 países membros da UE, a produção industrial na indústria de calçado aumentou 0,9% face ao trimestre anterior. Invertendo o que tinha acontecido no primeiro trimestre, a evolução foi mais favorável em Itália (+0,3%) do que em Espanha (-3,5%). Fora da UE, na Turquia, a produção de calçado diminuiu ligeiramente (-1,1%). Apesar da evolução positiva face ao primeiro trimestre do ano, na maioria dos países para os quais há dados disponíveis, a produção no segundo trimestre de 2024 ficou consideravelmente aquém (14,6% para o conjunto da UE27) da alcançada um ano antes.

Na Europa, os preços do calçado ao nível do produtor estão praticamente estabilizados. No conjunto dos 27 países da UE, no segundo trimestre, aumentaram 0,3% face ao trimestre anterior e 1,7% por comparação com o trimestre homólogo do ano anterior, o menor aumento trimestral dos últimos três anos. Em Portugal, a variação foi de 1,9%, mais do que nos principais concorrentes: 0,9% em Itália e 1,2% em Espanha.

As estatísticas de comércio internacional disponíveis mostram que o desempenho da indústria portuguesa de calçado no segundo trimestre foi conseguido num contexto muito difícil, com os principais mercados em retração. Por comparação o período homólogo do ano anterior, no segundo trimestre as importações alemãs de calçado caíram 6,7%, as francesas 7,6% e as do Reino Unido 4,2%. Entre os 10 principais mercados para que há estatísticas disponíveis, a única exceção é o mercado espanhol, com um crescimento de 4,4%. As importações portuguesas de calçado cresceram 6,8%, o que é consistente com o desempenho mais favorável do mercado nacional sugerido em várias perguntas do Boletim.

Segundo a OCDE, no segundo trimestre, o PIB dos países membros da organização deverá ter crescido 1,8% face ao mesmo trimestre do ano anterior. Este valor é de ordem de grandeza semelhante ao registado nos cinco trimestres anteriores. O crescimento foi notoriamente menor na União Europeia (0,8%) do que nos EUA (3,1%). Dentro da UE, a Alemanha destacou-se negativamente, com uma queda do PIB de 0,1%, e a Polónia positivamente, com um crescimento de 4%. A economia portuguesa deverá ter crescido 1,5%.

Em julho, o NECEP da Universidade Católica Portuguesa publicou a sua Folha Trimestral de Conjuntura sobre a economia portuguesa, afirmando que:

“O ponto central da estimativa de crescimento da economia portuguesa foi revisto em alta em 0,3 pontos percentuais para 1,8% em 2024, na sequência do crescimento robusto observado no primeiro trimestre (0,8%) e previsto para o segundo trimestre do ano. Os fatores determinantes continuam a ser as elevadas taxas de juro e a fragilidade da atividade económica na zona euro, em particular na Alemanha e França. O investimento recuou no primeiro trimestre e as exportações perderam o fulgor do ano passado, pelo que é difícil que a economia portuguesa continue a surpreender pela positiva como tem acontecido ao longo dos últimos trimestres.

Para 2025 e 2026, os pontos centrais para o crescimento anual são, respetivamente, de 1,9% (+0,1 pontos percentuais) e 2,0% (sem alteração), refletindo o regresso ao crescimento potencial histórico da economia portuguesa no final do horizonte de projeção, altura em que o impacto positivo da recuperação pós-pandémica e os efeitos adversos da inflação elevada e da subida dos juros se poderão ter dissipado.”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 77 (Ano XX) – 2º trimestre 2024

De acordo com a síntese publicada pelo Conselho de Finanças Públicas, as previsões para o crescimento da economia portuguesa no corrente ano variam entre os 1,5% previstos em abril pelo Ministério das Finanças, no âmbito do Programa de Estabilidade 2024-2028, e 2% indicados pelo Banco de Portugal no Boletim Económico de junho. Para o próximo ano, o Banco de Portugal apresenta igualmente a previsão mais favorável, de 2,3%, sendo a valor mais baixo de 1,9%, avançados pelo próprio Conselho de Finanças Públicas, pelo Ministério das Finanças e pela Comissão Europeia nas suas previsões de primavera.

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos



Cofinanciado pela
União Europeia